

## ENSAIO ETNOGRÁFICO: EXPRESSÕES E ESCRITAS CAMPONESAS COMO LUGAR DA MEMÓRIA NAS BARRAGENS DE TUCURUÍ E BELO MONTE

Matheus Benassuly  
 Aquiles Simões  
 Sônia Magalhães  
 Bianca Pereira Amorim

### BREVE APRESENTAÇÃO

Este ensaio etnográfico faz do uso da fotografia e da escrita de si (FOUCAULT, 1992a) os seus principais instrumentos à compreensão da realidade vivida pelos camponeses submetidos a uma situação de injustiça socioambiental provocada pela construção das barragens de Tucuruí e Belo Monte, remarcando o lugar da memória (NORA, 1993) e da resistência frente a tal situação, vivida em momentos e em contextos distintos. As expressões da vida camponesa à jusante da Hidrelétrica de Tucuruí são evidenciadas nas imagens dos ribeirinhos da comunidade Açaizal enquanto que as fotos dos escritos nos cadernos de Lucimar Barros da Silva, ou simplesmente Lúcio, encarnam e anunciam a dor e o lamento de um camponês que vê seu modo de vida ameaçado pelo deslocamento compulsório (MAGALHÃES, 2007) incitado pela construção de Belo Monte, exatamente na área alagada pela barragem.

O Programa Grande Carajás (PGC), iniciado oficialmente em 1980, transformou a Amazônia em uma região marcada pela implantação de grandes projetos que têm provocado efeitos socioambientais para as populações que vivem nesse espaço. Inscrita nesse Programa, a barragem de Tucuruí, implantada nesse período, é um exemplo cujos efeitos têm se desdobrado desde os preparativos para a sua implantação até os dias atuais. À jusante e à montante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT), inúmeros grupos viveram processos de desestruturação e recomposição de seu modo de vida nesse contexto.

As fotografias aqui apresentadas pertencem ao acervo do Grupo de Estudos sobre a Diversidade da Agricultura Familiar (GEDAF). Elas são provenientes de trabalhos de

campo realizados nos meses de julho e novembro de 2013 em Açaizal, no seio do programa Sociedades Rurais Amazônicas e Desenvolvimento Agroambiental, apoiado pelo PROEXT/MEC.

A construção da hidrelétrica de Belo Monte, elaborada nos anos 1980 e iniciada em 2011, teve como um de seus efeitos o deslocamento compulsório de camponeses que viviam na região alagada pela barragem. Volta Grande do Xingu-PA é um dos cenários desse processo e de onde Lucimar Barros da Silva passou a expressar, por meio da escrita, suas impressões sobre a hidrelétrica, entre 2009 e 2011, ano em que foi deslocado compulsoriamente de suas terras em razão da barragem.

A existência dos escritos de Lúcio foi identificada pela pesquisadora Sônia Magalhães, membro do GEDAF, no ano de 2009, em trabalho de campo. Posteriormente, esse material foi entregue pelo autor, sob a forma de manuscrito em um caderno, no ano de 2014, quando foi feita uma primeira exploração de seu conteúdo (MEDEIROS, 2014).

### À JUSANTE DE TUCURUÍ: AÇAIZAL EM ENSAIO FOTOETNOGRÁFICO

A comunidade Açaizal está localizada no município de Baião - PA, à jusante da barragem de Tucuruí, às margens do rio Matacurá, afluente do rio Tocantins. É composta por 5 vilas onde habitam cerca de 40 famílias. As pessoas aqui retratadas sofrem com os efeitos socioambientais provocados pela construção da referida barragem.

Conforme já explicitado em outros trabalhos (MEDEIROS, SIMÕES, AMORIM, 2013; SIMÕES, MEDEIROS, MAGALHÃES, SANZ, 2014), os pescadores que vivem há mais de 35 anos na vila Corrêa ressaltam a

redução drástica do pescado na região, tanto em espécie quanto em quantidade. “...Ah, Era muito farto, agora não tem mais nada, tá [sic] acabado. (...) Agora, várias coisas a gente não vê, olha. Jaraqui tu não vê [sic]. Pratiqueira tu não vê [sic] mais, né [sic]? Não tem Curimatã” (Sr. J., pescador). Eles também operam em nível da consciência discursiva (GIDDENS, 1984), tornando evidentes os conflitos socioambientais existentes e construindo o discurso em forma de denúncia: “A Eletronorte é a maior predadora, é a grande criminosa e responsável pela situação que vivemos, eles matam nossos peixes antes deles nascerem...” (presidente da Colônia de Pescadores Z - 34). Segundo os pescadores, o controle artificial do nível do rio, provoca a escassez do pescado (Figura 1).

Para um dos moradores mais antigos do Açaizal da Ilha (Vila Corrêa), a construção da barragem ensejou, também, alterações na paisagem: “- ...Tem ilha que sumiu, isso foi depois da barragem (...) foi tudo junto né, quando some some tudo, as plantas, o aningal, os lagos onde os peixes entram para desovar (...) Aqui na vizinhança sumiu a ilha do Sacai e do Xininga, elas não existem mais, tem lugar que o barco nem passa quando seca, vira um banco de areia só..., e tem momento que a água é um lodo só, não presta nem para banhar ” (Sr. P., pescador). Tal relato exprime bem as transformações ambientais sofridas decorrentes das mudanças na vazão do rio, desencadeando fenômenos como erosão e assoreamento (Figura 2).

As expressões da vida em Açaizal permitem interrogar acerca do advir, elas denunciam que o único instrumento efetivo de defesa e reparação dos direitos que vêm sendo violados, em razão da construção da barragem, é a sua própria capacidade de resistir e continuar habitando esse espaço (Figura 3).

Das vilas Medeiros, Corrêa, Pução e Pocina, resta na memória a frase de um pescador (Figura 4): “esse rio ainda guia nossa vida, é dele que temos que sobreviver” (Figura 5).

A Vila Nova Açaizal representa o deslocamento e a re-territorialização associada às

mudanças nas práticas produtivas. As famílias que ali se instalaram vivem em uma área de terra firme, onde passaram a cultivar mandioca para a produção de farinha (Figura 6), diminuindo a dependência do pescado e aumentando a dependência de programas como o seguro defeso e bolsa família (Figura 7).

A memória oral guarda as lembranças da vida sedimentada na unidade da relação sociedade-natureza: “a gente podia dizer que antes a gente era um só, nós e esse rio, nós era um só vivendo junto um pro outro”. Mas ela também é acompanhada pelas lágrimas que desvendam o sofrimento, a dor e a esperança dessas mulheres e homens, meninos e meninas, das diferentes gerações que coabitam esse espaço (Figuras 7, 8 e 9), que, submetidos a uma situação de injustiça ambiental, arrancam a vida com a mão.



**Figura 1** Pescadores com a malhadeira praticamente vazia após a jornada de trabalho na pesca.  
Autoria: Cícero Pedrosa Neto



**Figura 2** Erosão e assoreamento do rio. Autoria: Matheus Benassuly



**Figura 3** A família e seu modo de habitar. Autoria: Matheus Benassuly



**Figura 4** O pescador, sua casa, a face do lamento e da esperança por dias melhores. Autoria: Bianca Pereira Amorim



Figura 5 “Esse rio ainda guia nossa vida”. Autoria: Cícero Pedrosa Neto



Figura 6 Ralando raiz de mandioca no caititu para fazer farinha. Autoria: Bianca Pereira Amorim



**Figura 7** Escada sobre escada: a “escadinha de uma família”, beneficiária do bolsa família e do seguro defeso, invertida sobre a escada da casa. Autoria: Cícero Pedrosa Neto

Agric. Fam.	Belém-PA	n. 10	p. 117-129	dez. 2014
-------------	----------	-------	------------	-----------



**Figura 8** A expressão do sofrimento na saudade do que lhe foi tirado: a vida com o rio. Autoria: Matheus Benassuly





**Figura 9** A mão que estica a pele da face também “arranca a vida”. Nos olhos e na testa franzida habita a esperança de uma geração por um futuro melhor.

Autoria: Bianca Pereira Amorim

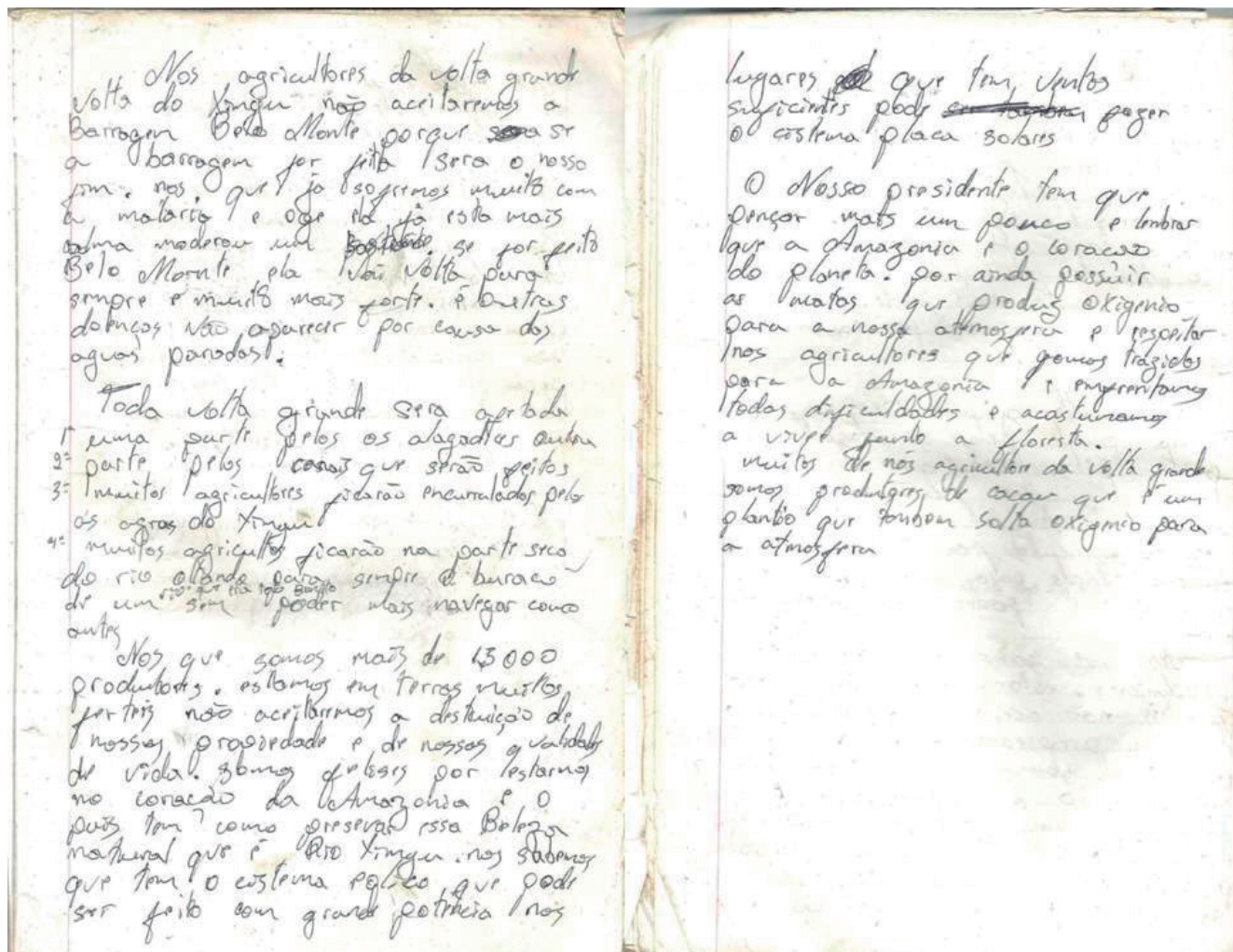
## BELO MONTE NOS ESCRITOS DE UM CAMPONÊS

O que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. (...) Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte desse sistema (FOUCAULT, 1992b, p. 71).

O excerto de Foucault, acima referenciado, é bastante adequado ao caso de Lúcio - Lucimar Barros Silva, que se autoapresenta como agricultor da Volta Grande do Xingu, expropriado pela empresa Norte Energia para a construção da hidrelétrica de Belo Monte. Apesar de ser sabido que os camponeses refletem e expressam as situações de injustiça a que têm sido submetidos, a prática da escrita como reflexão e expressão dessa situação ainda é pouco comum. Os escritos de Lúcio - lugar da memória e de sua resistência - demonstram sua percepção sobre essa situação e

interrogam os acontecimentos relacionados à construção da barragem de Belo Monte, sobretudo seus efeitos socioambientais. Desvelam, por outro lado, os sentimentos desse camponês diante da virtual destruição de seu modo de vida e o seu engajamento na luta contra a implantação da barragem. Dessa maneira, Lúcio, sujeito constituído no seu próprio discurso, no sentido foucaultiano, *sabe perfeitamente e diz muito bem*, enquanto escreve a si mesmo e constrói uma memória sobre a chegada desse grande projeto na Amazônia brasileira.

### ESCRITO 1



### TRANSCRIÇÃO

Nós agricultores da Volta Grande volta do Xingu não aceitaremos a Barragem Belo Monte porque se a barragem for feita será o nosso fim. Nós que já sofremos muito com a malária e hoje ela já está mais calma moderou... se for feito Belo Monte ela vai voltar para sempre e muito mais forte. E outras doenças vão aparecer por causa das águas paradas.

Toda volta grande será afetada

1ª uma parte pelos alagado outra

2ª parte pelos canais que serão feitos

3ª muitos agricultores ficarão encurralados pelos as águas do Xingu

4ª muitos agricultores ficarão na parte seca do rio olhando para sempre o buraco de um rio que era tão bonito sem poder mais navegar como antes.

Nós que somos mais de 1.500 produtores. Estamos em terras muito férteis. Não aceitaremos a destruição de nossa propriedade e de nossa qualidade de vida. Somos felizes por estarmos no coração da Amazônia e o país tem como preservar essa beleza natural que é rio Xingu. Nós sabemos que tem o sistema eólico que pode ser feito com grande potência nos lugares que tem ventos suficientes pode fazer o sistema placa solares

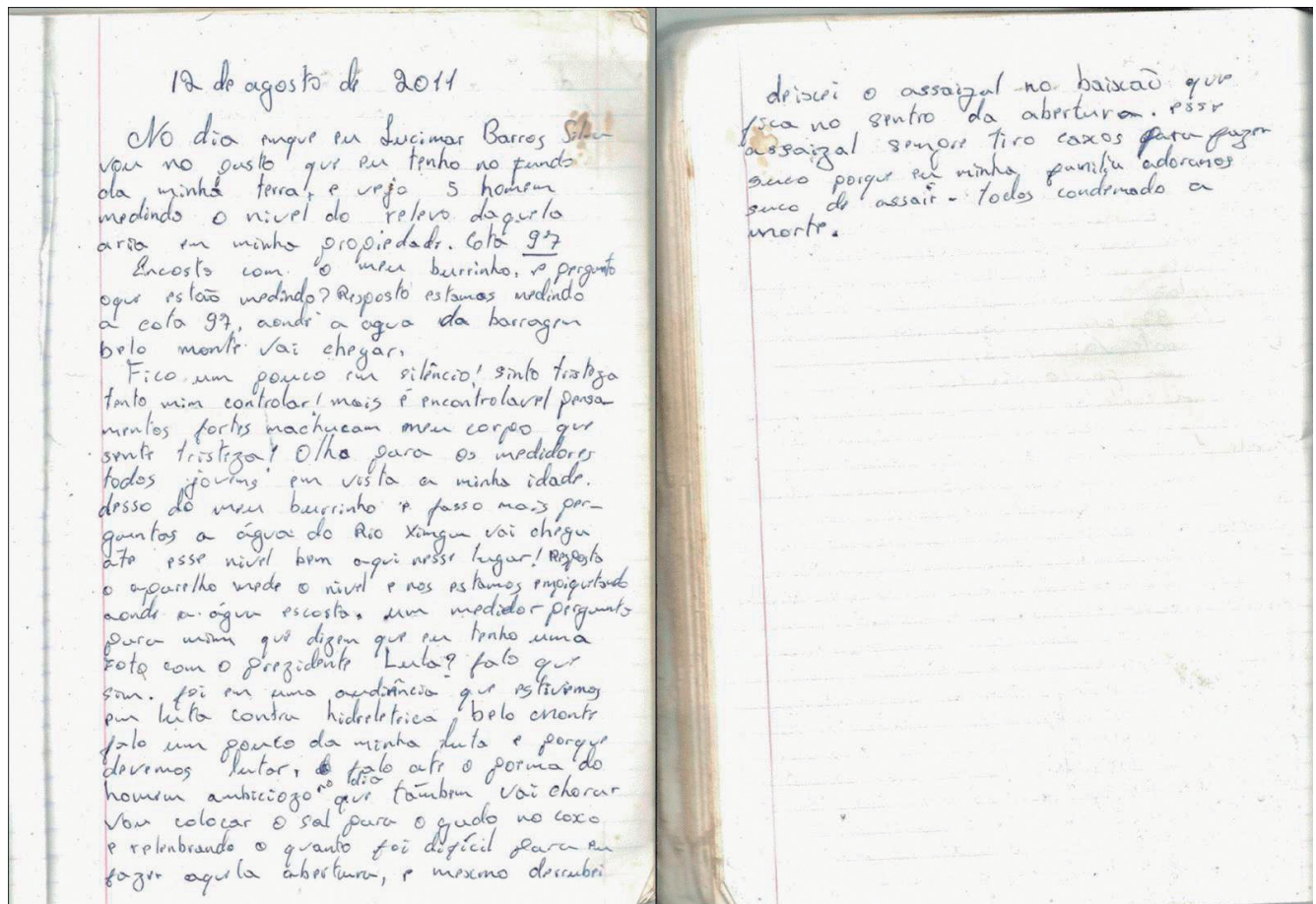
O nosso presidente tem que pensar mais um pouco e lembrar que a Amazônia é o coração do planeta, por ainda possuir as matas que produzem oxigênio para a nossa atmosfera e respeitar nós agricultores que fomos trazidos para a Amazônia e enfrentamos todas dificuldades e acostumamos a viver junto a floresta

Muitos de nós agricultores da volta grande somos produtores de cacau que é um plantio que também solta oxigênio na atmosfera.

O testemunho acima, extraído como foto do caderno de Lúcio e posteriormente transcrito, projeta-se como memória em três dimensões temporais: passado, presente e futuro. A narrativa do passado, marcado por conflitos quando da chegada desses camponeses à região onde futuramente seria implantada a barragem de Belo Monte, surge quando o camponês revisita a lembrança do sofrimento provocado pela malária, nos primeiros passos empreendidos pelos camponeses na ocupação daquele território. O presente se revela com a demonstração das condições do período

em que os escritos foram concebidos, a partir da descrição de uma felicidade que está relacionada com a manutenção de um modo de vida estreitamente ligado a sua permanência naquele território. A partir da ativação das lembranças desse passado combinadas com as experiências cotidianas, Lúcio, em meio as evidentes incertezas trazidas com a notícia da construção de uma barragem, avalia e projeta um futuro em que a desestruturação de seu modo de vida e o sofrimento do porvir é tanto ou maior quanto o de outrora.

## ESCRITO 2



## TRANSCRIÇÃO

12 de agosto de 2011

No dia em que eu Lucimar Barros Silva vou no pasto que tem no fundo da minha terra e vejo 5 homens medindo o nível do relevo daquela área em minha propriedade, cota 97.

Encosto com o meu burrinho e pergunto o que estão medindo? Resposta: estamos medindo a cota 97, aonde a água da barragem Belo Monte vai chegar.

Fico um pouco em silêncio! Sinto tristeza, tento me controlar! Mas é incontrolável, pensamentos fortes machucam meu corpo que sente tristeza! Olho para os medidores.

Todos jovens em vista a minha idade. Desço do meu burrinho e faço mais perguntas: a água do Rio Xingu vai chegar até esse nível bem aqui nesse lugar? Resposta: o aparelho mede o nível e estamos empiqueando aonde a água encosta. Um medidor perguntou para mim que dizem que eu tenho uma foto com o presidente Lula. Falo que sim. Foi em uma audiência que estivemos em luta contra a hidrelétrica de Belo Monte. Falo um pouco da minha luta e porque devemos lutar. Falo até do poema do homem ambicioso no dia em que também vai chorar vou colocar o sal para o gado no coxo e lembrando o quanto foi difícil para eu fazer aquela abertura, e mesmo derrubei, deixei o açaiçal no baixão que fica no centro da abertura. Esse açaiçal sempre tiro cachos para fazer suco porque eu e minha família adoramos suco de açai. Todos condenados a morte.

Lúcio, na medida em que escreve sobre os acontecimentos relativos à barragem de Belo Monte, escreve a si mesmo, se constitui como sujeito-reflexivo revisitando suas convicções. O escrito acima, para além de uma mera narrativa sobre um acontecimento, possui a função de remarcar o posicionamento do narrador quanto à construção do empreendimento. O avanço da construção da barragem, materializando-se ali, em suas terras, torna as ilações em realidade, fazendo-o evocar as recordações de sua relação com a terra e de sua luta contra a construção do projeto. Essa nova realidade aparece como um rolo compressor passando sobre as suas experiências e memórias de luta pela permanência na terra, provocando a tristeza e o desespero. Traz consigo a necessidade da escrita, do registro, da narrativa, e, com isso, um triste prognóstico: “todos condenados a morte”.

### OS ENSINAMENTOS

As imagens referentes à vida dos camponeses-ribeirinhos da comunidade Açaizal são a expressão real dos presságios registrados nas fotos dos escritos de Lúcio – lócus de sua memória e de sua resistência em face da barragem. Nesse sentido, este ensaio nos ensina que não obstante a cronologia dos eventos – a construção da barragem de Tucuruí e a de Belo Monte, em diferentes décadas – a dor, o lamento, o sofrimento e a busca incessante pela manutenção dos modos de vida se inscrevem na mesma temporalidade para esses camponeses cuja face, a pele, a memória oral e a empunhada na caneta, traduzem o que é sentir e viver sob a condição de violação dos direitos humanos e de injustiça social.

### REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992a. p. 129-160.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992b. p.295

GIDDENS, A. **La constitution de la société**. Paris : PUF, 1984.

SANTOS, Sonia Maria Simões Barbosa Magalhães. **Lamento e dor: uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens**. 2007. 278 f : Tese (doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2007 .

MEDEIROS, M. B. M. ; SIMÕES, A.; AMORIM, B. P. A comunidade açazal e a escassez de recursos naturais à jusante da barragem de Tucuruí: conflitos e alteração no modo de vida em uma comunidade de pescadores no município de Baião, estado do Pará. **CADERNOS DE Agroecologia**, v. 8, p. 13750-5, 2013.

MEDEIROS, M. B. M. **Escrita de si, justiça, direito e memória no contexto de Belo Monte**. 2014, 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em direito) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Jurídicas, Belém, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

SIMÕES, A. et al. Pescadores do Açaizal, Baião/PA: uma análise sobre os efeitos a jusante da barragem de Tucuruí. In: ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 5., Campinas, 2014. **Anais...** Campinas: Rede de Estudos Rurais, 2014.